
O RESGATE DA AMIZADE VIRTUOSA DE ARISTÓTELES NA MODERNIDADE *THE RESCUE OF ARISTOTLE'S VIRTUOUS FRIENDSHIP IN MODERNITY*

Evandro Menegueli Carvalho¹

Prof. Me. Paulo Cesar Delboni²

RESUMO: Este artigo tem como tema central a análise da Amizade, buscando estabelecer um diálogo entre a tipologia aristotélica das formas de Amizade e o conceito de Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman, reforçando a sua importância. O objetivo principal é demonstrar como a perda dos valores éticos da amizade virtuosa aristotélica influencia a fragilidade dos laços sociais na sociedade líquida/contemporânea. Adotou-se como metodologia a pesquisa exploratória e teórico-bibliográfica, com ênfase na análise e interpretação de textos filosóficos e sociológicos, utilizando como fontes primárias a obra *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e *Modernidade Líquida e Amor Líquido*, de Bauman. Os resultados demonstraram que as relações humanas na atualidade, classificadas por Bauman como líquidas, superficiais e descartáveis, assemelham-se às amizades acidentais (por interesse e por prazer) classificadas por Aristóteles, que não se sustentam em excelência moral. Conclui-se, portanto, que a fragilidade dos relacionamentos reflete a perda dos valores éticos clássicos, e reforça-se a importância da ressignificação da amizade para que ela volte a ser um vínculo virtuoso e duradouro, fundamental para a vida ética do indivíduo na sociedade contemporânea, a amizade virtuosa torna-se uma forma de resistência a fluidez das relações humanas.

Palavras-chave: Amizade; Aristóteles; Bauman; Modernidade Líquida; Ética.

ABSTRACT: This article focuses on the analysis of Friendship, seeking to establish a dialogue between the Aristotelian typology of the forms of Friendship and Zygmunt Bauman's concept of Liquid Modernity, reinforcing its importance. The main objective is to demonstrate how the loss of the ethical values of Aristotelian virtuous friendship influences the fragility of social ties in liquid/contemporary society. The methodology adopted was exploratory and theoretical-bibliographical research, with emphasis on the analysis and interpretation of philosophical and sociological texts, using as primary sources Aristotle's work *Nicomachean Ethics* and Bauman's *Liquid Modernity and Liquid Love*. The results showed that contemporary human relationships, classified by Bauman as liquid, superficial, and disposable, resemble the accidental friendships (based on utility and pleasure) classified by Aristotle, which are not sustained by moral excellence. It is concluded, therefore, that the fragility of relationships reflects the loss of classic ethical values, and the importance of re-signifying friendship is reinforced so that it may once again be a virtuous and lasting bond, fundamental for the ethical life of the individual in contemporary society; virtuous friendship thus becomes a form of resistance to the fluidity of human relationships.

Keywords: Friendship; Aristotle; Bauman; Liquid Modernity; Ethics.

¹ Centro Universitário Salesiano - Unisales. Vitória/ES, Brasil. evandro.menegueli@hotmail.com.

² Centro Universitário Salesiano - Unisales. Vitória/ES, Brasil. pdelboni@salesiano.br.

1 INTRODUÇÃO

A amizade é uma importante experiência da vida humana e é tema abordado na filosofia desde a Antiguidade. Levando em consideração que o ser humano é visto como um ser social, busca-se entender as suas relações com os outros indivíduos. Essa compreensão se estabelece, sobretudo, na ética da sociedade onde o indivíduo está inserido. É necessário compreender que com o passar do tempo a amizade continuou em discussão por diversos filósofos, onde cada um levava em consideração a sociedade e época em que estava inserido, percebendo como estava sendo as relações humanas e a ética daquele momento histórico. Sendo assim, os filósofos buscam entender o valor e o papel da amizade na vida ética do homem.

Neste contexto, Aristóteles, que viveu na Grécia Antiga (384 a.C.), teve grande destaque por ser um dos principais pensadores sobre a questão da amizade. Ele a dividiu em três tipos diferentes, podendo ela ocorrer por prazer, por interesse ou por virtude. Além disso, faz uma relação da amizade com a vida ética e moral dos homens na sociedade em que estava inserido. Sua contribuição na classificação da amizade é considerada importante até nos dias atuais, mesmo com a sociedade tendo passado por diversas mudanças. Atualmente, as relações foram modificadas consideravelmente. O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman trata sobre as modificações que foram acontecendo na sociedade contemporânea e classifica-a como uma sociedade líquida, onde as relações sociais são fracas, superficiais, com laços frágeis e não duradouros. Desse modo, as relações, incluindo a amizade, são líquidas, sendo altamente descartáveis e instantâneas, surgindo e terminando rapidamente.

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar o contraste entre a Amizade Clássica, categorizada por Aristóteles, e as relações humanas da atualidade, onde está inserida a amizade, definida como líquida por Bauman. Busca-se estabelecer um diálogo entre as ideias dos dois pensadores, iniciando com uma apresentação sobre o fundamento ético-político do pensamento aristotélico, definindo conceitos como *Pólis*, *eudaimonia* e a prática das virtudes como base para a vida social. Em seguida, o objetivo foi detalhar a classificação da amizade em Aristóteles (utilidade, prazer e virtude), ressaltando as características da amizade virtuosa como o ideal ético-moral. O estudo prosseguiu para examinar o conceito de Modernidade Líquida e o impacto da fluidez nas relações sociais contemporâneas, segundo a perspectiva de Bauman. Finalmente, a meta central visou estabelecer um diálogo contrastivo entre a amizade aristotélica e os laços líquidos, a fim de compreender como a busca por relações instantâneas e descartáveis reflete a perda dos valores éticos clássicos na sociedade atual e a importância do resgate da amizade virtuosa.

2 METODOLOGIA

Este trabalho tem caráter exploratório uma vez que, de acordo com Gil (2002, p. 41), seu intuito é “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. O autor ainda completa apontando que “pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Assim, ela tem seu fundamento em uma abordagem teórica-bibliográfica, com ênfase a análise e interpretação de textos filosóficos e sociológicos, pois a bibliografia pertinente “oferece meios para definir,

resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (Marconi; Lakatos, 2013, p. 44). O estudo baseia-se em leitura, entendimento e comparação de algumas ideias e conceitos, com maior ênfase nos tipos de amizade estabelecidas por Aristóteles, um dos principais filósofos clássicos, relacionando-as e mostrando o contraste com as formas de relacionamento estabelecidas na modernidade por Zygmunt Bauman no contexto de seus escritos, onde define a modernidade como líquida.

Para a investigação analítica e interpretativa, será utilizado como fonte principal obras de Aristóteles e Bauman, além de outros artigos que se relacionam com a amizade e com as relações interpessoais contemporâneas. No que tange a Aristóteles, será abordado a obra *Ética a Nicômaco*, especialmente os livros VIII e IX, onde se trata mais diretamente sobre a amizade, caracterizando-a em três níveis, que são a amizade por interesse, por prazer e por virtude. No que se refere a Bauman, a busca principal em seus escritos será sobre a fluidez das relações impessoais. As principais obras estudadas desse autor serão *Modernidade Líquida* e *Amor Líquido* onde ajudará a contextualizar a amizade na modernidade líquida, caracterizada pelo filósofo. Em relação às fontes secundárias, será utilizado alguns comentadores, intérpretes e estudiosos que abordam a relação entre ética, filosofia prática e as relações de amizade no mundo moderno ou contemporâneo.

A metodologia adotada não busca apenas descrever os conceitos, mas fazer uma relação crítica entre os conceitos apresentados e busca fornecer uma possibilidade de resignificação e compreensão da amizade no mundo moderno, buscando uma conscientização da importância da amizade para os indivíduos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A ÉTICA EM ARISTÓTELES

3.1.1 Contexto Filosófico e Ético da Grécia Antiga

Na Grécia Antiga, mitos e divindades eram utilizados como justificativas para os fenômenos da natureza e para as questões humanas que os indivíduos não conseguiam compreender. Nesse período, por volta do século V a.C., ocorreu a organização da *Pólis* (cidade-Estado) e da Democracia Ateniense. Diante desse cenário e com o acesso a novas culturas, o desenvolvimento dos pensadores e a reflexão filosófica foram fortalecidos, bem como a busca dos pré-socráticos por desmistificar as questões da natureza, que procuravam entendê-la por meio dos elementos que a compunham.

Posteriormente, questões práticas foram abordadas por meio da política, realidade na qual os cidadãos buscavam aprimorar-se na retórica e no convencimento dos outros para terem suas ideias aceitas pela *Pólis*. Neste ponto, iniciam-se as questões sobre a verdade, a justiça, a ética e o homem em si, encontrando-se o grande conflito de Sócrates com os sofistas. A reflexão filosófica ganhou maior relevância, adquirindo grande importância para a formação da Grécia naquele período. Após Sócrates, tem-se a figura de Platão, que possui considerável importância para a Filosofia, não só naquele período, mas até os dias atuais. Aristóteles surge, nesse contexto, no qual a

questão filosófica se voltava para o homem e também para a relação dele com os demais.

Aristóteles nasceu em Estagira, na fronteira Macedônica, por volta dos anos 384-383 a.C. e faleceu em 322 a.C. Ele era filho de Nicômaco, um médico bem-sucedido. Conforme Reale e Antiseri (1990), por volta dos 18 anos, Aristóteles ingressou na Academia de Platão, em Atenas, onde permaneceu vinte anos. Enquanto estava na Academia, foi influenciado pela Filosofia Platônica e também conheceu grandes cientistas e filósofos da época, que a frequentavam e que auxiliaram ainda mais em seu desenvolvimento enquanto filósofo, cientista e biólogo. Sua saída da Academia ocorreu após a morte de Platão, entre os anos de 348 e 347 a.C. Em 335-334 a.C., estabeleceu sua escola em Atenas, conhecida como “Peripatos”, que pode ser traduzido como “passeio”, pois Aristóteles ensinava caminhando entre as veredas do jardim. Seus discípulos eram conhecidos como “peripatéticos”. O período de sua escola foi de grande proveito para a finalização e sistematização de suas obras, conforme afirmado por Reale e Antiseri (1990, p.175): “[...] foram esses os anos mais fecundos na produção de Aristóteles, o período que viu o acabamento e a grande sistematização dos tratados filosóficos e científicos que chegaram até nós.”

Ao observar os escritos de Aristóteles, é possível dividi-los da seguinte forma:

[...] ‘exotéricos’ (compostos em sua maioria sob forma dialógica e destinados ao grande público, ou seja, às pessoas “de fora” da escola) e os ‘esotéricos’ (que, ao contrário, constituíam ao mesmo tempo o fruto e a base da atividade didática de Aristóteles, não sendo destinados ao público, mas apenas aos discípulos, sendo portanto patrimônio ‘interno’ da escola) (Reale; Antiseri, 1990, p.175).

Aristóteles viveu em um contexto da Grécia onde os cidadãos se sentiam parte da cidade-Estado (*Pólis*), a ponto de darem suas vidas por ela. Ou seja, o bem da cidade estava acima do bem do indivíduo de forma isolada. Dessa forma, ambos possuem a mesma natureza, mas o bem na dimensão social tem maior importância, conforme afirma Reale e Antiseri (1990, p. 208):

O bem do indivíduo é da mesma natureza que o bem da Cidade, mas este “é mais belo e mais divino” porque se amplia da dimensão do privado para a dimensão do social, para a qual o homem grego era particularmente sensível, porquanto concebia o indivíduo em função da Cidade e não a Cidade em função do indivíduo..

Reale e Antiseri também fazem a diferenciação de que nem todos os homens poderiam ser considerados cidadãos, visto que para ser classificado dessa forma: “[...] é preciso participar da administração da coisa pública, ou seja, fazer parte das assembleias que legislam e governam a cidade e administram a justiça” (Reale; Antiseri, 1990, p. 208). Logo, os cidadãos seriam aqueles com tempo disponível para tal. Cabe destacar ainda que os colonos, os operários e os membros de cidades conquistadas não se enquadravam nesse patamar de cidadão, pois ocupavam grande parte do seu tempo com trabalhos braçais, negligenciando a política.

Além disso, Aristóteles define o homem como um ser social e político, visto que ele não vive apenas em um grupo ou em uma sociedade de forma desorganizada, mas sim de maneira politicamente organizada, sendo esta uma característica que faz parte da natureza do homem, de sua essência. Em sua obra *A Política*, Aristóteles chega a classificar o homem que vive isolado como fera ou deus, conforme apontado em sua

obra: “Quem não pode fazer parte de uma comunidade, quem não tem necessidade de nada, bastando-se a si mesmo, não é parte de uma cidade, mas é fera ou deus” Aristóteles (1991, p. 15).

3.1.2 A Obra *Ética a Nicômaco*

A *Ética a Nicômaco* encontra-se entre os livros “esotéricos”, inserida nos tratados de Filosofia Ética e Política. Esta pode ser considerada uma das principais obras de Aristóteles, além de ser dedicada à reflexão moral e ter influência até hoje na tradição ocidental. Ela é composta por dez capítulos ou livros, nos quais são abordadas várias questões da dimensão prática da vida humana, como as virtudes, a busca do bem e da felicidade, a amizade, além da questão ética que se relaciona com vários temas, como a justiça, a relação entre a vida contemplativa e a vida ativa e a busca da justa medida em relação às virtudes éticas. Vale destacar ainda que essa obra não é necessariamente um estudo apenas teórico, mas, sobretudo, busca estabelecer noções éticas para que as pessoas possam segui-las e entendê-las, podendo, assim, aperfeiçoarem-se e serem melhores, conforme afirma Aristóteles (1996, p. 138): “[...] a presente investigação não visa, como outras, ao conhecimento teórico (não estamos investigando apenas para conhecer o que é a excelência moral, e sim para nos tornarmos bons [...] cumpre-nos examinar a natureza das ações [...].”

Para Aristóteles, a Ética e a Política compõem as ciências práticas. A prática, neste contexto, refere-se à conduta do homem e às suas ações pessoais e/ou coletivas, sendo por meio dessas ações que o indivíduo busca a felicidade ou os fins desejados, conforme afirma Reale e Antiseri (1990, p. 203): “[...] O estudo da conduta ou fim do homem como indivíduo é a “ética”, o estudo da conduta e do fim do homem como parte de uma sociedade é a “política””.

Convém ressaltar que, para Aristóteles, o agir busca um fim, ou age com uma finalidade. Esse fim ou finalidade é conhecido como um bem. Nesse contexto, o homem escolheria sempre o que é bom, muitas vezes errando por falta de conhecimento ou por ações viciosas, as quais estão afastadas da virtude. Todavia, os bens buscados pelo homem tendem a um “bem supremo” ou um “fim último” que é a felicidade.

Conforme esclarecido por Reale e Antiseri (1990), a felicidade não está ligada ao prazer ou ao gozo, pois estes podem deixar o homem escravizado, vivendo como um animal sem razão, a qual é o atributo que o diferencia de todas as outras coisas. Normalmente, ela não está ligada à honra, pois a honra é algo externo, dado pelos outros, tornando ilusória a felicidade alcançada pela honra, visto que, por ser algo externo, não pode ser maior do que o homem, no sentido de ser um bem supremo. Por fim, o acúmulo de riquezas e a própria riqueza não são a fonte da felicidade, pois a riqueza é um meio para alcançar outros fins, não podendo ser um fim último.

Assim, a felicidade consiste no homem ter a condição de ser racional e basear a sua vida e as suas escolhas diferenciando-se dos outros animais que vivem presos aos instintos, os quais, de certa forma, são dominados pela natureza. Através da sua racionalidade, o homem consegue alcançar os objetivos mais nobres para si e para a sociedade na qual está inserido. Reale e Antiseri (1990, p. 203 – 204) apontam que:

O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. [...] O homem que quer viver bem deve viver sempre segundo a razão: "Se estabelecemos como função própria do homem certo tipo de vida (precisamente essa atividade da alma e as ações acompanhadas da razão) e como função própria do homem de valor o concretizá-la bem e perfeitamente [...], então o bem do homem consiste em uma atividade da alma segundo a sua virtude e, quando as virtudes são mais de uma, segundo a melhor e a mais perfeita. Mas é preciso acrescentar: em uma vida completa.

Torna-se necessário acrescentar que se deve buscar as coisas mais elevadas, fruto da razão, mas que para o bem viver são necessários os bens básicos para suprir as necessidades do homem, ou seja, é preciso deixar cada coisa em seu devido lugar. Porém, pode-se estabelecer uma problemática quando o homem se perde nas riquezas ou no prazer, pois a falta do básico pode comprometer a felicidade. Conforme Reale e Antiseri (1990, p. 204):

[...] Assim, Aristóteles proclama os valores da alma como valores supremos, embora, com seu forte senso realista, reconheça uma utilidade também aos bens materiais em quantidade necessária, já que eles, mesmo não estando em condições de dar a felicidade com sua presença, podem (em parte) comprometê-la com sua ausência.

Para que o homem faça bem as suas escolhas, recomenda-se o crescimento nas virtudes, sendo estas divididas em dois tipos: éticas e dianoéticas. As virtudes éticas estão ligadas às escolhas que não são provenientes diretamente da razão, como, por exemplo, os desejos que o homem sente e que estão ligados mais ao corpo (à alma sensitiva e não racional). No entanto, a execução desses desejos passa pela razão, ou seja, não se originam diretamente da razão, mas chegam até ela como fonte de escolha e/ou palavra final. Pode-se verificar que essa virtude está fortemente relacionada aos hábitos do homem, nos quais a razão delibera como o indivíduo deve agir, tornando-se um padrão em que o homem passa a praticar aquela virtude de forma mais ordenada. Assim, seu agir será "dominado" pela razão, enquanto o seu instinto animal perderá força. Por fim, essa virtude é considerada um meio-termo entre dois extremos, de modo que se busca uma justa medida, pois: "os impulsos, paixões e os sentimentos tendem ao excesso ou à falta (ou ao muito ou ao muito pouco). Intervindo, a razão deve impor a 'justa medida', que é o 'meio caminho' ou 'mediania' entre os dois excessos" (Reale; Antiseri, 1990, p. 204 - 205).

Dentre todas as virtudes éticas a justiça é a maior, pois "na justiça está abarcada toda virtude" (Reale; Antiseri, 1990, p. 205) e, ela pode ser considerada a justa medida entre os extremos. Dessa forma, a justiça equilibra as escolhas dos homens e, a partir dela, a sociedade alcança o equilíbrio entre as relações dos cidadãos, para que seja evitado qualquer tipo de excesso ou falta que prejudique uma parte e/ou beneficie apenas interesses individualistas. Nas relações cotidianas, a justiça também contribui para não haver exploração ou desvirtuamento do outro. Por fim, pode-se perceber que a justiça é quem melhor contribui para o bom funcionamento das virtudes éticas, seja na prática individual ou coletiva.

Por outro lado, as virtudes dianoéticas estão ligadas diretamente à razão, onde o homem, através da sabedoria e da sapiência, busca a felicidade máxima, ou seja, a

eudaimonia. A definição de sabedoria e sapiência, segundo Reale e Antiseri (1990, p. 205 – 206):

Consiste em dirigir bem a vida do homem, ou seja, em deliberar de modo correto acerca daquilo que é bem ou mal para o homem. Já a sapiência é o conhecimento daquelas realidades que estão acima. É precisamente no exercício desta última virtude, que constitui a perfeição da atividade contemplativa, que o homem alcança a felicidade máxima, quase uma tangência com o divino [...].

Através das virtudes dianoéticas, o homem consegue se elevar ainda mais e fortalecer a sua natureza como ser racional. Por fim, as virtudes éticas e dianoéticas se relacionam entre si, uma para as coisas práticas e a outra para as coisas mais elevadas, ajudando o homem a buscar o bem supremo que é a felicidade máxima (Reale; Antiseri, 1990).

Diante do exposto, pode-se compreender com maior facilidade a ética em Aristóteles, pois o ser humano, para ser ético, necessita praticar as virtudes e ter um senso de pertencimento à sociedade, uma vez que ele busca viver com os outros homens de forma organizada politicamente e, muitas vezes, terá que dominar os seus instintos, paixões e más tendências para que essa vivência seja mais harmoniosa e perfeita.

Dessa forma, percebe-se que a ética, por vezes, é um conflito entre os instintos do homem (enquanto animal) e a sua racionalidade (razão - intelecto), visto que ele é dotado de um bem superior. Assim, torna-se necessária a prática das virtudes éticas nas relações para com os outros e para que não se deixe levar pelo excesso ou pela falta da natureza animal do homem (instintos).

A prática das virtudes éticas, mesmo de forma privada ou nas ações mais individuais e particulares, coopera para o bom desenvolvimento do homem no bem (enquanto ser racional que é mais elevado do que os outros animais) e no crescimento enquanto ser ético, pois a virtude ética é adquirida e cresce com o hábito. A ética requer esforço e vontade do homem. Conforme explicitado por Silva (2013, p. 81 - 82);

Pensar a ética a partir da concepção aristotélica é concebê-la como uma busca incontestável, ou melhor, obtê-la como um referencial a ser vivido pelo homem. A ética é uma força dinâmica, uma virtude que desperta a essência do espírito humano para viver com arte e sabedoria. Alcançar o estado de homem virtuoso não é uma tarefa tão simples, nos dizeres de Aristóteles. Assumir a ética é assumir a própria condição de homem, que deseja viver de maneira nobre; o agir nobre exige esforço e muita determinação. É através do exercício e do autocontrole que nos tornamos éticos.

Diante do exposto, pode-se ter uma noção básica de como a ética e a vivência com os demais foram de suma importância para a formulação das obras e de todo o legado deixado por Aristóteles, que, além de filósofo, impactou outras áreas e cujos escritos abrangem também a física e a biologia. Por fim, é necessário ressaltar que Aristóteles foi um dos pensadores mais ilustres da Grécia Antiga, sendo impossível trazer todos os seus conceitos, estudos e vertentes. Aqui, nos limitamos a falar um pouco sobre a ética e alguns conceitos que estão mais diretamente ligados a ela. Daqui para frente, buscar-se-á abordar a Amizade, segundo Aristóteles.

3.2 A AMIZADE EM ARISTÓTELES

Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles, nos livros VIII e IX, trata da amizade, considerando-a essencial para o homem. Pode-se afirmar que todos os homens buscam fazer e ter amigos: tanto aqueles que detêm muitos bens quanto aqueles que quase não possuem nenhum necessitam de amigos. Logo, a amizade é necessária a todos, independentemente dos bens ou da posição social, dos mais poderosos aos mais simples, pois todos têm a necessidade de se realizar por meio dos amigos. Além disso, a amizade tem grande importância ao ajudar os jovens a fazerem escolhas éticas e morais, evitando erros, e aos idosos a serem amparados. Pode-se dizer que a amizade é uma prática moral e ética na vida cotidiana. Ela não é abstrata, como um simples sentimentalismo, mas concreta. Está ligada às ações do homem em relação aos outros, seja na vida particular ou na vida pública. Pode-se verificar isso nos escritos de Aristóteles (1996, p. 257):

[...] cabe-nos examinar a natureza da amizade, pois ela é uma forma de excelência moral ou é concomitante com a excelência moral, além de ser extremamente necessária na vida. De fato, ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens; achamos até que as pessoas ricas e as ocupantes de altos cargos e as detentoras do poder são as que mais necessitam de amigos; [...]. E as pessoas pensam que na pobreza e em outros infortúnios os amigos são o único refúgio. Os amigos também ajudam os jovens a evitar os erros, e ajudam as pessoas idosas, amparando-as em suas necessidades e suplementando sua capacidade de ação reduzida pela senilidade. Além disso, os amigos estimulam as pessoas na plenitude de suas forças à prática de ações nobilitantes [...] pois com amigos as pessoas são mais capazes de pensar e de agir [...].

É interessante perceber que a amizade também se relaciona diretamente com a nobreza e a bondade. Elas estão intimamente ligadas, pois quem possui muitos amigos é considerada uma pessoa nobre e boa. É natural perguntar de onde surge a amizade, por ser algo tão necessário e importante para o homem. Alguns acreditam que a amizade ocorre entre semelhantes, quando se compartilham gostos, ideias e opiniões. Nesse caso, os amigos são semelhantes entre si. Outros defendem que a amizade surge da complementaridade, ou seja, como um meio-termo entre opostos, buscando-se no outro aquilo que falta ao sujeito, de modo a alcançar equilíbrio.

Aristóteles, entretanto, propõe outro caminho: ele investiga a origem da amizade nos sentimentos e no caráter, tentando compreender, inclusive, como os maus também buscam amigos. A amizade, segundo ele, pode ser classificada, pois a relação entre colegas de trabalho difere da relação entre irmãos. Assim, existem diferentes tipos de amizade, conforme destacado por Aristóteles (1996, p. 258):

[...] examinemos os problemas relativos ao homem, pertinentes ao caráter e aos sentimentos – por exemplo, se a amizade pode manifestar-se entre quaisquer pessoas, ou se pessoas más não podem ser amigas, e se há uma única espécie de amizade ou mais de uma. Os estudiosos que pensam que há somente uma forma de amizade porque ela admite uma graduação baseiam-se em indícios inadequados, pois mesmo as coisas de espécies diferentes admitem graduação.

Segundo Aristóteles (1996), as pessoas amam as coisas que acreditam merecer ser amadas, sendo esse amor classificado em três formas: o que é bom, o que é agradável e o que é útil. É necessário ressaltar que o amor, no sentido da amizade, deve ser recíproco. No entanto, não se pode ser amigo, por exemplo, de uma garrafa de vidro, pois não existe relação de reciprocidade com um objeto inanimado. A

amizade está relacionada com uma troca que ocorre entre os indivíduos de forma recíproca, na qual cada um deseja o que é bom ou aquilo que lhe parece bom. Então, vale destacar que: “[...] para que as pessoas sejam amigas, deve-se constatar que elas têm boa vontade recíproca e se desejam bem reciprocamente por uma das razões mencionadas” (Aristóteles, 1996, p. 259).

3.2.1 Tipos de Amizade: Utilidade, Prazer e Virtude.

Assim como o amor, citado no tópico anterior, a amizade também pode ser classificada de três formas diferentes: por utilidade, por prazer e por virtude. A regra, nos três casos, é que haja reciprocidade. O que pode variar é a qualidade que fundamenta a amizade.

Pode-se definir a amizade por interesse como aquela na qual: “[...] os amigos cuja a afeição é baseada no interesse não ama um ao outro por si mesmo, e sim por causa de um proveito que obtêm um do outro [...]” (Aristóteles, 1996, p. 259). Logo, trata-se de uma amizade de caráter mais egoísta, em que a relação serve como meio de ganho. São exemplos desse tipo de amizade os idosos que, muitas vezes, buscam os outros por necessidade. Nesse caso, não se trata de uma amizade duradoura, mas sim de uma relação enquanto for útil. Pode-se citar também: “os laços de família e de hospitalidade” (Aristóteles, 1996, p. 260), em que os iguais se mantêm próximos enquanto necessitam de favores uns dos outros, e uma vez encerrada a utilidade, os indivíduos se afastam.

A amizade por prazer segue a mesma linha da amizade por utilidade, mas se busca algo que seja agradável, prazeroso. Quando Aristóteles afirma: “[...] as pessoas que amam por causa do prazer amam por causa do que lhes é agradável, e não porque a outra pessoa é a pessoa que amam, mas porque ela é útil ou agradável [...]” (Aristóteles, 1996, p. 260), percebe-se que é uma amizade onde o amor está intimamente ligado ao prazer e está muito presente entre os jovens pois,

[...] eles vivem sob a influência das emoções e perseguem acima de tudo o que lhes é agradável e o que está presente, mas seus prazeres mudam à medida que a idade aumenta. É por isto que eles se tornam amigos e deixam de ser amigos rapidamente; sua amizade muda com o objeto que acham agradável, e tal prazer se altera rapidamente. [...] (Aristóteles, 1996, p. 260).

As amizades por utilidade e prazer são classificadas como acidentais, pois não têm uma base sólida. Elas surgem repentinamente e desaparecem rapidamente, quando se muda o prazer ou a utilidade, porque a pessoa não é amada por ser quem é, mas sim pelo o que proporciona ao outro. Esses tipos de amizade podem ser vistos como um meio para se chegar a um fim, não se sustentam na medida em que as pessoas mudam e têm as suas necessidades transformadas (Aristóteles, 1996).

A amizade entre pessoas más pode existir apenas com base no prazer e no interesse, pois há apenas um interesse recíproco entre os amigos. No entanto, essa amizade se desfaz quando uma das partes deixa de encontrar prazer ou interesse na relação, passando a buscar outras pessoas que supram suas novas necessidades. Trata-se, portanto, de uma forma egoísta de amizade, em que o outro não é levado em consideração, mas apenas aquilo que a pessoa deseja ou necessita. Isso fica claro quando Aristóteles afirma: “[...] Na verdade, pessoas más não gostam uma da outra a não ser que obtenham algum proveito recíproco” (Aristóteles, 1996, p. 262).

Diferente das duas amizades acidentais, tem-se a amizade perfeita, que pode ser chamada também de virtuosa. É aquela que “[...] existente entre pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; nesse caso, cada uma das pessoas quer bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas [...]” (Aristóteles, 1996, p. 260). Assim, não se tem um interesse por trás da amizade, além de amar o amigo por ele ser quem é. Como essa amizade acontece entre pessoas boas, esse vínculo tende a ser bem duradouro, pois não se limita a sentimentos passageiros (utilidade ou prazer puramente), e o ser bom é uma coisa duradoura. Cabe notar que nesta amizade também se tem prazer, pois ambos são agradáveis um para o outro na convivência, por serem bons. É importante ressaltar que a amizade e o amor ocorrem com mais facilidade, profundidade e em sua melhor forma entre pessoas boas. Como é uma amizade mais exigente, é mais rara (Aristóteles, 1996).

Sobre a amizade virtuosa, convém destacar que para ela ocorrer são necessárias algumas disposições como o tempo, a confiança, a intimidade e o outro deve se mostrar digno. Todas essas disposições devem ser recíprocas, como apontado por Aristóteles (1996, p. 261):

[...] amizades desta espécie pressupõem tempo e intimidade; [...] as pessoas também não poderão manter amizade umas com as outras ou ser realmente amigas enquanto cada uma das partes não houver demonstrado à outra que é digna de amizade e não lhe tiver conquistado a confiança. As pessoas que iniciam rapidamente relações de amizade têm o desejo de tornar-se amigas, mas não serão amigas se ambas não forem dignas de amizade e reconhecerem este fato; realmente, um desejo de amizade pode manifestar-se instantaneamente, mas a amizade não pode. (Aristóteles, 1996, p. 261).

Na amizade virtuosa, a confiança no outro impede que se levantem suspeitas sobre sua lealdade e caráter. Diferentemente das amizades baseadas no prazer ou no interesse, o vínculo entre os amigos não se sustenta em benefícios ou vantagens, mas na disposição de amar o amigo por aquilo que ele é. Mesmo que o prazer ou o interesse diminuam, a amizade permanece constante, pois, segundo Aristóteles (1996, p.262):

[...] é entre pessoas boas que encontramos a confiança, o sentimento de que uma nunca fará mal à outra e tudo mais que se espera numa amizade sincera. Nas outras espécies de amizade, todavia, nada existe que impeça o aparecimento de suspeitas.

Por fim, a amizade verdadeira requer intimidade e amor entre os amigos, pois é natural desejar estar junto de quem se ama e com quem se sente prazer em conviver. É preciso reconhecer que a intimidade, o tempo e o amor revelam que se têm poucas amizades verdadeiras, já que é impossível manter um vínculo profundo com muitas pessoas ao mesmo tempo. As experiências que geram intimidade são vividas de forma recíproca e em contextos mais reservados. Nesse sentido, Aristóteles (1996, p. 264) afirma:

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de manter uma amizade do tipo perfeito com elas, da mesma forma que não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (o amor parece uma emoção exacerbada e é de sua natureza ser sentido somente em relação a uma pessoa); e muitas pessoas não podem agradar facilmente à mesma pessoa ao mesmo tempo, ou não podem sequer ser boas aos olhos desta pessoa. Para uma amizade

perfeita ambas as partes devem adquirir experiência recíproca e tornar-se íntimas, e isto é muito difícil [...].

Em síntese, os três tipos de amizade se assemelham pelo fato de os homens, em cada uma delas, darem reciprocamente aquilo que buscam. Na amizade por prazer, a companhia do outro é agradável e gera prazer (o fim é o prazer e a amizade é o meio). Quando se muda o gosto ou troca-se a forma com que as coisas são agradáveis, a amizade é descartada. Assim também ocorre com a amizade por interesse (o fim é o interesse e a amizade é o meio), pois no momento em que o interesse de uma das partes muda, aquela amizade deixa de ser útil, logo deve ser descartada, visto que já não é proveitosa para se chegar ao ganho almejado.

Já na amizade virtuosa, os homens são amigos por amarem o seu amigo, não como meio, mas como fim, de forma que são agradáveis, sentem prazer com a companhia, e têm ganhos, porém a essência da amizade não está nisso, mas em amar o amigo por ser quem ele é e não por aquilo que ele pode proporcionar.

Há pessoas que não buscam as virtudes éticas, que não são boas na moral, que são criminosas, egoístas e podem apresentar outras características que afastam o homem da bondade e do bem moral. Elas não são capazes de manter amizades virtuosas, pois buscam apenas interesses e prazeres. Esses homens maus podem até formar amizades com homens bons, mas a semelhança entre eles para sustentar esse vínculo é temporária e de fácil término, existindo apenas enquanto se busca alcançar algum ganho ou prazer. Quando esse objetivo é atingido, a amizade se encerra, pois não há mais sentido nem amor.

Neste aspecto, o amor se diferencia um pouco da amizade, pois pode ser dirigido também a coisas inanimadas. Já a amizade, para Aristóteles, é uma disposição de caráter, mantida por meio das escolhas. O amor não precisa necessariamente ser recíproco. Ao amar um objeto inanimado não existe reciprocidade, enquanto a amizade verdadeira tem como condição essencial a reciprocidade (Aristóteles, 1996).

Em alguns tipos de amizades existe uma relação de não proporcionalidade, uma vez que as pessoas têm uma relação de autoridade ou de diferente função e excelência moral. Podem-se citar como exemplo a amizade entre pais e filhos, idosos e jovens, chefe e empregado. Nesses tipos de amizade, o amor e o que o outro oferece não é na mesma proporção, mas segue a proporção demandada pela relação, como aponta Aristóteles (1996, p. 266):

[...] As formas de excelência moral implícitas nestas espécies e suas respectivas funções são diferentes, do mesmo modo que são diferentes as razões pelas quais as várias pessoas envolvidas são amigas. Nestas diferentes espécies de amizade, então, os benefícios que cada parte recebe e pode pretender da outra não são os mesmos da outra; quando os filhos dão aos pais aquilo que devem dar a quem lhes proporcionou a existência, e os pais dão o que devem dar aos seus filhos, a amizade entre tais pessoas é duradoura e equitativa. Em todas as espécies de amizade nas quais está implícita a desigualdade, o amor também deve ser proporcional, isto é, o amor que a parte melhor recebe deve ser maior que o amor que ela dá, e portanto ela deve ser mais útil, [...] quando o amor é proporcional ao merecimento das partes configura-se de certo modo a igualdade, que é considerada um componente essencial da amizade.

É importante estabelecer a relação entre amizade, vida ética, política e felicidade, pois o ser humano é um ser social por natureza. Para alcançar a felicidade, é necessário viver bem com os outros em sociedade, o que implica diretamente em sua realização e bem-estar. Pode-se constatar essa necessidade, diante da afirmação de Aristóteles (1996, p. 293): “[...] o homem é um animal social e um animal para o qual a convivência é natural. Logo, mesmo o homem feliz tem de conviver, pois ele deve ter tudo que é naturalmente bom [...]”.

Diante das classificações de amizade feitas por Aristóteles é perceptível que o homem é chamado a exercer o seu papel de amigo, seja para com as amizades por prazer, utilidade ou virtude, uma vez que fica claro a busca do passar o tempo com os amigos, para que assim se alcance a felicidade. Cabe ressaltar ainda que é da natureza do homem buscar a felicidade e conseqüentemente boas companhias, conforme dito por Aristóteles (1996, p. 293): “[...] É obviamente melhor passar os dias com amigos e boas pessoas do que com estranhos e companheiros casuais. Conseqüentemente, o homem feliz necessita de amigos”.

Por fim, torna-se necessário fazer a ressalva de que o homem virtuoso e que almeja a excelência moral, buscará amigos desse tipo, pois esses amigos, de fato, o farão feliz. Esse mesmo aspecto se aplica aos que buscam amizade por prazer ou interesse, visto que eles normalmente buscarão amigos e uma certa felicidade no prazer e no interesse e não na virtude, sendo essas amizades deficientes no aspecto pleno da felicidade, conforme aponta Aristóteles (1996, p. 295);

[...] se a existência é desejável em si mesma pelas pessoas sumamente felizes (já que existir é bom e agradável por natureza), e se acontece a bem dizer o mesmo em relação à existência de um amigo, um amigo será uma das coisas desejáveis. Ora: uma pessoa sumamente feliz deve ter aquilo que deseja, ou então ela será deficiente sob este aspecto. Portanto o homem que tiver de ser feliz necessitará de amigos dotados de excelência moral.

3.3 UM DIÁLOGO ENTRE ARISTÓTELES E BAUMAN

Zygmunt Bauman nasceu em 19 de novembro de 1925 na cidade de Posnânia, Polônia, e faleceu no dia 09 de janeiro de 2017. Ele pode ser considerado um dos principais sociólogos da atualidade e também se formou em filosofia. Suas obras abrangem temas como a modernidade, capitalismo, globalização, amor, entre outros, sendo a grande maioria aplicados na modernidade e como influenciam as relações humanas. Como principais obras pode-se destacar: *Modernidade Líquida*, *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* e *Globalização: as conseqüências humanas*. Diante de suas obras fica evidente que pode-se fazer uma relação entre as relações na modernidade líquida com a classificação de Aristóteles sobre a amizade.

3.3.1 A Modernidade Líquida

Um dos conceitos mais importantes utilizado por Bauman é o de *Modernidade Líquida*, mas antes de compreendê-lo, é importante entender parte por parte desse conceito e como se chegou nele, visto que ele poderá contribuir para a compreensão da amizade na contemporaneidade/modernidade.

Primeiramente, deve-se entender de onde vem o conceito de modernidade, que surgiu durante o processo histórico de transformação da sociedade que teve início com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Conforme apontado por Andrade e Silva (2004): “Modernidade designa o conjunto das transformações sociais, econômicas e culturais que tiveram início na Europa Ocidental com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, e que continuam a moldar o mundo contemporâneo”.

Segundo Bauman, a modernidade pode ser entendida como sólida ou líquida. Esses termos são utilizados para descrever o comportamento cultural, social e comportamental da sociedade. O sólido é firme, tende a mudar pouco, enquanto o líquido é fluido, está em constante mudança e não apresenta muita resistência. Para Bauman (2001, p. 7), essa fluidez

[...] é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles "não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis" e assim "sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão". Essa contínua e irrecuperável mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sob pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar à sua forma original.

Após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, a modernidade foi construída ao longo dos séculos, tendo sua origem e, por muito tempo, sua condição considerada sólida. Mesmo diante das transformações, suas características permaneciam relativamente estáveis, sustentadas por estruturas sociais firmes — como o Estado-nação, o trabalho assalariado fixo e a família tradicional —, além de identidades coletivas previsíveis relacionadas à classe social, profissão e religião. Somado a isso, predominava um ideal de progresso planejado e controlado pela razão e pela ciência (Trevizan et al., 2023).

Pode-se utilizar o exemplo da organização da produção nas fábricas como ilustração da solidez da modernidade. Nesse contexto histórico, Bauman (2001, p. 182) destaca:

A modernidade sólida era, de fato, também o tempo do capitalismo pesado - do engajamento entre capital e trabalho fortificado pela mutualidade de sua dependência. Os trabalhadores dependiam do emprego para sua sobrevivência; o capital dependia de empregá-los para sua reprodução e crescimento. Seu lugar de encontro tinha endereço fixo; nenhum dos dois poderia mudar-se com facilidade para outra parte - os muros da grande fábrica abrigavam e mantinham os parceiros numa prisão compartilhada. Capital e trabalhadores estavam unidos, pode-se dizer, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse. A fábrica era seu hábitat comum -simultaneamente o campo de batalha para a guerra de trincheiras e lar natural para esperanças e sonhos.

Utiliza-se a expressão “sólida” porque, ao observar um objeto sólido, percebe-se que ele demora mais tempo para ser modificado, derretido ou mudar de forma. Nesse primeiro momento, diante das transformações da modernidade, a sociedade ainda se mantinha “sólida”, possuindo uma base mais firme e rígida, em que as relações e a própria organização social preservavam valores, ideais e estruturas consolidadas. Com o passar do tempo, contudo, esses “sólidos” começaram a ser questionados e transformados, ainda que lentamente. Um exemplo relacionado ao contexto

mencionado anteriormente são os sindicatos, que surgiram como forma de resistência ao modelo de trabalho característico da modernidade sólida. Nesse sentido, Bauman interpreta os sindicatos como um meio de enfrentamento às estruturas laborais fixas da modernidade, conforme aponta:

[...] Os sindicatos recriaram a impotência dos trabalhadores individuais na forma do poder de barganha coletivo e lutaram com sucesso intermitente para transformar os regulamentos incapacitadores em direitos dos trabalhadores e reformulá-los como limitações impostas à liberdade de manobra dos empregadores. [...] "A rotina pode diminuir, mas pode também proteger; a rotina pode decompor o trabalho, mas pode também compor uma vida." (Bauman, 2001, p. 185).

Diante do "derretimento dos sólidos" surge a chamada modernidade líquida. Todo o sistema que até então se mantinha rígido passa a perder sua estabilidade, sua forma e sua durabilidade. Aquilo que era sólido e fixo transforma-se em líquido, tornando-se fluido e instável.

Entre os principais fatores que impulsionam a transição da modernidade sólida para a modernidade líquida estão processos como a globalização e o capitalismo flexível, que tornam o trabalho cada vez mais temporário, terceirizado e incerto, enfraquecendo as fronteiras nacionais e deslocando decisões para redes globais. Também contribuem o avanço tecnológico e a aceleração da informação, intensificados pelas tecnologias digitais e pela internet, que imprimem à vida social um ritmo imediato, mutável e descartável, afetando inclusive os vínculos humanos, que passam a ser mais superficiais e efêmeros. Além disso, destaca-se a intensificação da individualização e a consequente crise das instituições, pois o indivíduo assume protagonismo sobre suas escolhas e responsabilidades, enquanto estruturas como a Igreja, o Estado, os sindicatos e a família perdem força como referências e espaços de proteção (Trevizan et al., 2023). Nesse cenário líquido, as mudanças ocorrem de forma acelerada e já não trazem mais certezas. O trabalho, antes rígido e estável, torna-se fluido e transitório, e a mudança passa a ser vista com naturalidade, conforme aponta Bauman (2001, p. 185):

Essa situação mudou [modernidade sólida], e o ingrediente crucial da mudança múltipla é a nova mentalidade de "curto prazo", que substituiu a de "longo prazo". Casamentos "até que a morte nos separe" estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos. De acordo com o último cálculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida de trabalho e o ritmo e frequência da mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe. "Flexibilidade" é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do "emprego como o conhecemos", anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas "até nova ordem". A vida de trabalho está saturada de incertezas.

3.3.2 Convergências Conceituais Entre Bauman e Aristóteles

3.3.2.1 A Rede e as Amizades Virtuais

Uma das principais características que acompanham os homens é a necessidade de relacionar-se. Como estabelecido desde Aristóteles (1996), o homem é um ser

político, que vive em sociedade e conseqüentemente relaciona-se. Bauman, aponta algo interessante ao trazer o conceito de relacionar-se no momento contemporâneo, afirmando que as pessoas “[...] em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como ‘relacionar-se’ e ‘relacionamentos’, [...] falem cada vez mais [...] em conexões, ou ‘conectar-se’ e ‘ser conectado’. Em vez de parceiros, preferem falar em ‘redes’ [...]” (Bauman, 2004, p. 12). Isso ocorre porque a palavra relacionamento é mais densa, carrega em si um peso e responsabilidade maior, pois pode ser enquadrada a relação que se tem com familiares (pai, mãe, avós), com pessoas do trabalho e grupos que se está inserido (presencialmente). Essas relações têm uma certa dificuldade de serem rompidas, requerem uma disposição para que o rompimento ocorra, ou seja, dão trabalho. Neste aspecto o conceito de *rede* “[...] sugere momentos nos quais ‘se está em contato’ intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha [...]” (Bauman, 2004, p. 12), isto é, a rede é a principal forma de relacionar-se no mundo contemporâneo.

Diante da modernidade líquida, as relações também necessitam acompanhar a velocidade e fluidez que dominam a sociedade. A facilidade de deletar um relacionamento em rede ou conectado é uma das grandes diferenças das relações até então convencionais. Percebe-se que diferente das relações presenciais, as relações virtuais tendem a ser superficiais e mais utilitaristas, começam e terminam com mais facilidade e podem ser deletadas a qualquer momento, basta mudar o interesse ou a finalidade, conforme apontado por Bauman (2004, p. 12 – 13, grifo nosso):

Elas [relações de rede] são "relações virtuais". Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com "compromisso", muito menos dos compromissos de longo prazo), elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as "possibilidades românticas" (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de "ser a mais satisfatória e a mais completa". Diferentemente dos "relacionamentos reais, é fácil entrar e sair dos "relacionamentos virtuais". Em comparação com a "coisa autêntica", pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: "Sempre se pode apertar a tecla de deletar".

Ao estabelecer uma relação entre Bauman e Aristóteles, percebe-se que, no contexto atual, as relações de amizade tendem a se enquadrar nas categorias prazerosas ou interesseiras. Busca-se reduzir os riscos e privilegiar a quantidade em detrimento da qualidade, que nem sempre é facilmente alcançada. A rapidez das mudanças gera um certo conforto em substituir amizades, tornando as relações mais superficiais e descartáveis. As pessoas passam a ser facilmente excluídas ou “deletadas” virtualmente, de modo que “quando a qualidade o decepciona, você procura a salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo” (Bauman, 2004, p. 77). A cultura contemporânea transmite a ideia de que a amizade verdadeira, ou qualquer relacionamento mais intenso, que exige tempo, presença e maior afinidade, representa uma espécie de

prisão, na qual a liberdade seria limitada. Isso ocorre porque, ao optar por vínculos mais profundos, o indivíduo teria, supostamente, menos opções disponíveis, já que a intensidade da relação implica compromisso e dedicação. Pode-se atribuir ao pensamento contemporâneo a seguinte ideia apresentada por Bauman (2004, p. 78):

Não se deixe apanhar. Evite abraços muito apertados. Lembre-se de que, quanto mais profundas e densas suas ligações, compromissos e engajamentos, maiores os seus riscos. Não confunda a rede - um turbilhão de caminhos sobre os quais se pode deslizar - com uma malha, essa coisa traiçoeira que, vista de dentro, parece uma gaiola.

Bauman, em seu livro *Amor Líquido*, fala sobre o movimento de estar conectado com as pessoas através de laços que ora apertam, ora afrouxam, ou seja, pode-se soltar para se conectar aos outros. Isso pode ser até comparado ao celular, que por vezes permite conexões, mas ao mesmo tempo exclui outras, pois: “aos que se mantém à parte, os celulares permitem permanecer em contato. Aos que permanecem em contato, os celulares permitem manter-se à parte...” (Bauman, 2004, p. 80). Sendo o celular o grande meio pelo qual se vivem as conexões virtuais e se esquece das reais. O laço e os celulares ajudam a entender e compreender que, diferentemente da amizade verdadeira, que ama o outro por ser quem o outro é, aqui prefere-se amar o que o outro proporciona, visto que “[...] lembre-se, claro, de que apostar todas as suas fichas em um só número é a máxima insensatez!” (Bauman, 2004, p. 78). No cenário da modernidade líquida, buscar ter muitas opções se torna favorável, mesmo que isso demonstre claramente a falta de qualidade nas relações.

3.3.2.2 O Consumismo e o Descarte das Relações

A crise da amizade virtuosa passa pela *rede*, ou seja, pelas amizades virtuais, como foi demonstrado anteriormente. Assim, “tudo é mais fácil na vida virtual, mas perdemos a arte das relações sociais e da amizade” (Bauman, 2017, s.p.), e o homem troca as relações presenciais, as amizades verdadeiras, por aquilo que é virtual e faz uma escolha pela praticidade, instantaneidade, superficialidade e facilmente substituível.

Na modernidade líquida, o consumismo também implica consequências nas relações humanas, uma vez que as pessoas são impulsionadas a colocar valor em suas relações e nos outros, visto que “[...] os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade.” (Bauman, 2008, p. 76). Vale ressaltar ainda que tudo e todos tendem a ser vistos como mercadorias que podem ser facilmente descartadas e adquiridas com muita facilidade. Neste ponto é possível notar uma forma de utilidade, que nas relações humanas remetem as amizades que Aristóteles caracteriza como interesseiras.

Outro aspecto importante é a necessidade de consumo e acúmulo de bens. O homem moderno não pode deixar de consumir e deve sempre possuir mais bens, o que influencia diretamente em suas relações, as quais passam a ser mais numerosas, porém com menor qualidade. Isso se deve a seguinte máxima:

Não se pode escapar do consumo: faz parte do seu metabolismo! O problema não é consumir; é o desejo insaciável de continuar consumindo [...] As relações humanas são sequestradas por essa mania de apropriar-se do máximo possível de coisas (Bauman *apud* Escur, 2014, s.p.).

A modernidade líquida impõe o consumismo aos homens, pois tudo é fluido e deve ser descartado e temporário. Neste sentido as relações começam a ser substituídas. Ao perceber a afirmação de Aristóteles que aponta ser feliz quem tem amigos (Aristóteles, 1996), torna-se evidente que ao buscar saciar as necessidades de relacionamento com o consumo de bens e de relações marcadas pelo descarte, o homem nunca ficará satisfeito e saciado, porque o consumismo gera relações que não suprem as verdadeiras necessidades do homem, mas pelo contrário o transforma em uma mercadoria e tenta torná-lo um objeto, conforme apontado por Bauman (2005, p. 101):

Não importa, porém, por mais que tentem os comerciantes, a fome que prometem saciar não desaparece. Os seres humanos podem ser reciclados em produtos de consumo, mas estes não podem ser transformados em seres humanos. Não em seres humanos do tipo que inspira a nossa busca desesperada por raízes, parentesco, amizade e amor - não em seres humanos com que possamos identificar-nos.

Por fim, o grande risco que o consumismo gera aos homens é a instrumentalização do outro como um objeto a ser comprado, quando se tem utilidade ou gera prazer sendo facilmente descartado quando perde sua utilidade. Isso expressa as amizades que são facilmente comparadas às negociações de troca de prazer e interesse. Destaca-se ainda que essas amizades não tornam o homem feliz, mas refletem apenas sua necessidade de querer ser saciado pelo consumismo, uma vez que este o torna uma mercadoria que tem seu valor medido em utilidade. Fromm (1976, p. 11 – 22) ajuda a entender esse processo:

[...] toda nossa cultura se baseia [agora] no apetite da compra, na idéia de uma troca mutuamente favorável. A felicidade do homem moderno consiste na sensação de olhar as vitrines das lojas e em comprar tudo quanto esteja em condições de comprar. Ele encara as pessoas de maneira semelhante. Para o homem, uma mulher atraente, eis o lucro a obter [...] assim, duas pessoas se apaixonam quando sentem haver encontrado o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores cambiais.

Desta forma, fica evidente que o consumismo na modernidade líquida é uma das grandes ferramentas que dificulta e atrapalha a amizade virtuosa. Pois ao transformar o outro em mercadoria em decorrência da cultura do consumo, as relações que eram pessoais e envolviam sentimentos profundos, vão se tornando relações de simples consumo, onde se vive na superficialidade, focando apenas no prazer e no interesse.

3.3.2.3 A Busca pela Resistência à Fluidez: Impulso, Desejo e Amor.

Diante do cenário da modernidade líquida, no qual o consumismo, o descarte e a fragilização das relações virtuais são evidentes e constituem a base de um sistema que valoriza vínculos superficiais e de fácil manutenção, torna-se pertinente estabelecer um paralelo com a amizade virtuosa apresentada por Aristóteles (1996) como forma de resistência à fluidez. O resgate desse conceito favorece uma ética necessária para que o ser humano alcance a felicidade, uma vez que, na atualidade, ao optar pelo descarte das relações, o outro é visto como mercadoria e tem seu valor definido pela utilidade, servindo apenas enquanto possui funcionalidade e gera benefícios. Nesse contexto, Bauman (2007, p. 18) argumenta que “Num ambiente líquido, imprevisível e de fluxo rápido, precisamos, mais do que nunca, de laços firmes

e seguros de amizade e confiança mútua”. Conforme descrito, a amizade virtuosa é aquela que apresenta características apontadas por Bauman como necessárias para romper com a superficialidade e a lógica de consumo presentes nas relações.

Para o bom entendimento dessa fluidez nas relações de consumo e nos relacionamentos, pode-se utilizar a classificação que o próprio Bauman apresenta em seu livro *Amor Líquido*, onde ele distingue o impulso, o desejo e o amor. Os três podem, e por vezes são confundidos no cenário da Modernidade Líquida. Diante da fluidez e do consumo, esses três termos são tidos como semelhantes, mas devem ser entendidos e, de fato, contemplados de acordo com a sua classificação.

O Impulso pode ser comparado ao instinto. Ele é quase inato, é bem instantâneo, surge e termina rapidamente. Bauman (2004), utiliza o exemplo dos *shoppings*: as mercadorias são posicionadas e expostas para que os clientes comprem por impulso e não necessariamente por desejo, pois:

Dizer 'desejo' talvez seja demais. É como num shopping: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo, como observou Harvie Ferguson: compram por impulso. Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a 'satisfação instantânea'). O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer. Numa época em que o 'longo prazo' é cada vez mais curto, ainda assim a velocidade de maturação do desejo resiste de modo obstinado à aceleração. O tempo necessário para o investimento no cultivo do desejo dar lucros parece cada vez mais longo — irritante e insustentavelmente longo (Bauman, 2004, p. 26).

Além de demandar um pouco de tempo para ser realizado, conforme exposto acima, o desejo pode ser conceituado como:

[...] vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir — aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade. Essa presença é desde sempre uma afronta e uma humilhação. O desejo é o ímpeto de vingar a afronta e evitar a humilhação. [...] O desejo é um impulso que incita a despir a alteridade dessa diferença; portanto, a desempoderá-la [disem-pow-er] [...] (Bauman, 2004, p. 23 – 24).

No primeiro momento, o desejo é consumido, mas surge depois a necessidade de eliminar aquilo que dele ficou (o refugo), de forma que, após o consumo, aquilo que foi desejado perde o seu valor, já não tem mais utilidade, pois “os produtos de consumo atraem, os refugos repelem. Depois do desejo vem a remoção dos refugos. [...] Em sua essência, o desejo é um impulso de destruição” (Bauman, 2004, p. 24).

Já o amor pode ser classificado como:

[...] a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. [...] Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que 'está lá fora'. Ingerir, absorver e assimilar o sujeito no objeto, e não vice-versa, como no caso do desejo. Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo. O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado. Amar diz respeito a autossobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a — ciumentamente — guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade. Domínio mediante renúncia, sacrifício resultando em exaltação (Bauman, 2004, p. 24).

Ao observar o amor, pode-se fazer uma relação com a amizade por virtude apresentada por Aristóteles (1996), pois é através do amor que as relações podem ser ressignificadas e irem além da superficialidade da cultura do consumismo e da fluidez que é vista e vivida na Modernidade Líquida. No desejo, enquadram-se as amizades por interesse e prazer, pois requerem consumir aquilo que lhes é agradável e/ou lhes tem utilidade. O impulso, por ser totalmente instantâneo, remete apenas à utilidade, ou a um instinto onde o homem já é influenciado a isso devido à cultura; neste aspecto, passaria perto de uma amizade em vista do prazer, pois poderia gerar uma satisfação por um rápido período.

O amor é aquele que mais se enquadra na busca de resistir à fluidez. Nele, podemos ver a amizade por virtude e, através dessa, pode-se romper com o ciclo da Modernidade Líquida que tem empobrecido as relações e as levado para a superficialidade. É importante notar que o amor deve ser por amar o objeto e não por apenas posse ou por amor próprio, pois pode-se correr o risco de se ter um amor egoísta, conforme destaca Bauman (2004, p. 25):

Tal como o desejo, o amor é uma ameaça ao seu objeto. O desejo destrói seu objeto, destruindo a si mesmo nesse processo; a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto. O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro.

Bauman, ao refletir sobre o amor e o desejo, relaciona-os tanto aos objetos quanto aos próprios seres humanos, ao tratar da alteridade. No que se refere ao amor, não se pode excluir a presença do outro, pois fazê-lo significaria reduzir a relação ao mero desejo que, por sua natureza, tende a desconsiderar e descartar o outro após a satisfação momentânea. Nisto, com a diferenciação que é apresentada, pode-se concluir que: “Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir. Enquanto a realização do desejo coincide com a aniquilação de seu objeto, o amor cresce com a aquisição deste e se realiza na sua durabilidade. Se o desejo se autodestrói, o amor se autoperpetua.” (Bauman, 2004, p. 24). Por fim, deve-se buscar, através do amor e da amizade virtuosa, a ressignificação da liquidez que é imposta aos homens através da sociedade contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise obtida com os resultados deste trabalho, permite reconhecer o valor e a aplicação dos ensinamentos de Aristóteles sobre amizade e ética em sua obra *Ética a Nicômaco*. Ao fazer um contraste com o cenário da "modernidade líquida", descrito por Bauman, percebe-se que a predominância de vínculos frágeis e utilitários resulta em relações humanas marcadas pela superficialidade, pelo descartável e pela dificuldade de construção de confiança duradoura. Esses traços contemporâneos, muitas vezes vividos como avanço e liberdade, parecem, contudo, implicar novas formas de solidão, desamparo e insatisfação permanente, ou seja, as relações na atualidade remetem as amizades acidentais apresentadas por Aristóteles, que são amizades com base no prazer e na utilidade, não levando em conta todos os valores éticos e morais, conseqüentemente o outro perde parte da sua dignidade ao ser tratado como algo substituível e descartável, pois são visto como meio para se alcançar um fim.

Diante desse quadro da modernidade líquida, a amizade virtuosa/verdadeira apresentada por Aristóteles, com base na virtude, na reciprocidade e na busca sincera pelo bem do outro e consequentemente pelo próprio bem, é apresentada e sugerida como alternativa vigorosa à cultura do consumo e do descarte. A apresentação e incentivo para a adesão à amizade virtuosa evidencia-se não apenas como fator de realização pessoal, mas como elemento fundamental para a conexão real (indo de encontro com a rede e as amizades virtuais) e profunda entre as pessoas, possibilitando uma superação dos limites impostos pela lógica consumista e utilitarista do presente. Destaca-se ainda que para o filósofo grego, a felicidade só é plena quando compartilhada e que o homem só é feliz com amigos, a fragilidade dos relacionamentos contemporâneos é um reflexo direto da perda dos valores éticos clássicos de compromisso e excelência, sendo assim, a reflexão ética encontra na defesa da amizade de excelência um convite à resistência contra a liquidez das relações, que se dá através da dedicação do tempo, da intimidade e da abertura para com outro, gerando um compromisso que permite a construção lenta e consciente de laços de confiança.

Assim, ao articular as categorias aristotélicas com a crítica de Bauman, este trabalho reafirma a importância da ética da amizade como horizonte pedagógico e existencial. A resistência à cultura do efêmero está, em última instância, na capacidade de desejar e praticar relações ancoradas no respeito, no tempo e na virtude. Retomar o valor da amizade, nesse sentido, revela-se um gesto de reconstrução do humano, tornando possível, mesmo em tempos líquidos, a experiência duradoura e enriquecedora do pertencimento, da lealdade e da verdadeira felicidade. Para estudos futuros, sugere-se o aprofundamento na ética do Amor de Bauman e a investigação das práticas de formação que podem promover o desenvolvimento das virtudes e, consequentemente, a amizade virtuosa como base para uma vida social mais plena.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Emanuel de Oliveira; SILVA, Breno Nery da. *A Revolução Francesa como ponto de inflexão na transição para a era moderna: análise das transformações sociais, políticas e culturais à luz de François Furet e Georges Lefebvre*. **Revista de Casos e Consultoria**, Natal, v. 11, n. 1, p. 1–10, 2024.

Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/32833>>. Acesso em: 13 out. 2025.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: —. *Obras*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Política*. Tradução: Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Nove frases memoráveis para lembrar Zygmunt Bauman**. *El País*, 9 jan. 2017. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/09/cultura/1483983882_874557.html>. Acesso em: 24 out. 2025.

_____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ESCUR, Núria. Zygmunt Bauman: "**Resulta muy difícil encontrar una persona feliz entre los ricos**". *La Vanguardia*, Barcelona, 17 maio 2014. Entrevista concedida a Núria Escur. Disponível em:
<<https://www.lavanguardia.com/vida/20140517/54408010366/zygmunt-bauman-dificil-encontrar-feliz-ricos.html>>. Acesso em: 24 out. 2025.

FROMM, Eric. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Tradução: Ivo Storniolo. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 1990.

SILVA, Everton De Jesus. A ética aristotélica como caminho que conduz o homem a felicidade plena. *Revista Húmus*, v. 3, n. 7, 1 Jan 2013 Disponível em:
<<https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1501>>. Acesso em: 9 set 2025.

TREVIZAN, Marcio Bogaz; VERAS, Cesar Augusto; BORGES, Pedro Pereira; SANTOS, Pedro Henrique Soares Dos. Ser leve e ser líquido: A "modernidade líquida" no pensamento de Zygmunt Bauman. *Synesis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2023. Disponível em:
<<https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2548>>. Acesso em: 29 set. 2025.